

## **A 2ª Conferência do Episcopado Católico Latino-Americano e a rebeldia jovem por direitos nos longos anos 1960**

The 2º Latin-American Conference of Catholic Bishops and youth rebelliousness for rights in the long 1960s'

**Raphael Barreiros de Farias**

[raphaelbfarias.rbdf@gmail.com](mailto:raphaelbfarias.rbdf@gmail.com)

Graduado em História na PUC-Rio

### **Resumo**

Os longos anos 1960 foram um período de transformações em muitas esferas sociais. A crescente população jovem ansiava por tornar o mundo mais justo e livre. Ao mesmo tempo, a Igreja Católica realizava o Concílio Vaticano II, e posteriormente ocorre a Conferência de Medellín. O intuito desse artigo é apontar, a partir de trechos das conclusões de Medellín, que a Igreja Católica Latino-Americana estava consciente do etos temporal da época que estava inserida, e fazia coro com os jovens progressistas brasileiros na luta por direitos que também estavam inseridos nesse etos.

Palavras-chave: Igreja Católica; Anos 1960; Juventude; Medellín; América Latina.

### **Abstract**

The long 1960s' were a period of changing in a lot of social spheres. The growing youth population was eager to turn the world into a more fair and free one. It was happening the Second Vatican Council in the Catholic Church at once, and later the Medellín Conference. The aim of this article is to put down, using Medellín Conference conclusion abstracts, that the Catholic Church was conscious of the time's ethos it was in and it agreed with brasilian progressive youth in its struggle for rights who were part of this time's ethos too.

Keywords: Catholic Church; The 1960s'; youth; Medellín; Latin-America.

## Metodologia

Para realizar a tarefa que me proponho identificarei como os longos anos 1960 estavam presentes no pensamento do Clero Católico que participava da 2ª Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, explicarei o conceito de longos anos 1960 e analisarei brevemente trechos dos capítulos sobre justiça, paz e juventude das conclusões da conferência. A partir das conclusões da Conferência de Medellín demonstrarei aspectos da realidade dos longos anos 1960 sobre os quais os bispos refletiram. Tendo eles refletido sobre essas questões demonstra que estavam à par da realidade do tempo que viviam, tendo inclusive apoiado e dado legitimidade às reivindicações dos jovens progressistas dos longos anos 1960.

## Os longos anos 1960

Esse período, que chamo de longos anos 1960 - época de contestação, rebeldia e dissenso que se estendeu por toda a década de 1960, até meados da década de 1970 -, ficou marcado pela ascensão dos jovens como grupo social de protagonismo político em praticamente todo o mundo. Esse grupo como categoria, devido à certas características específicas, provocou mudanças significativas em praticamente todas as esferas da sociedade. Naquele período muitos países viviam um boom da população jovem, o que propiciou a entrada massiva de jovens nos espaços públicos e ascensão destes como protagonistas sociais e culturais. Entrada essa que gerou um período de contestação à ordem estabelecida, levando à conflitos geracionais em várias instituições (BRADBURY et al, 1981).

Os anos 1960 americanos não foram uniformemente rebeldes, mais que os anos 1950 foram uniformemente conservadores ou os anos 1970 uniformemente quiescentes. Mesmo se as décadas, como os séculos, pudessem ser consideradas como começando com algum atraso, de modo que pudéssemos datar os anos 1960 “reais” de, digamos, 1964 a 1974, nem assim os contrastes convencionais funcionariam perfeitamente. [...] Assim, “os anos 1960” é menos uma expressão para o estado da nação do que uma expressão-guia para um estado mental – radical, voltado para a juventude, contracultural, de fácil condução, comprometido com as atitudes da nova esquerda, direitos da minoria, consciência negra, drogas, experiência psicodélica, protesto e dissensão. (BRADBURY et al. In: BRADBURY et al, 1981, p. 335)

Durante os longos anos 1960 os mundos do trabalho passavam por profundas mudanças estruturais. O trabalho rural diminuía cada vez mais – resultando na diminuição da quantidade de pessoas que habitavam áreas rurais -, enquanto o número de profissionais do setor industrial se estagnava, ou retrocedia em algumas regiões devido à automação crescente, e a porcentagem da população que ganhava a vida no setor de serviços crescia. Sendo os últimos setores citados basicamente urbanos, o número de indivíduos habitando as áreas urbanas do planeta se tornou maior que o número dos que habitavam regiões rurais pela primeira vez na história (HOBSBAWM, 1996).

No presente artigo usarei o conceito de Malcolm Bradbury de longos anos 1960. Este consiste na ideia de que os anos 1960 não foram um período demarcado estritamente pelos dez anos do calendário gregoriano, mas um período de tendência contestatória e rebelde que começou ainda na década de 1950 e vai até meados da década de 1970. Utilizando a ideia de longos anos 1960, insiro a 2ª Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano – conhecida popularmente como Conferência de Medellín - em meio ao conceito periódico estabelecido pelo autor e o ethos conceitual de dissensão.

## **A Igreja Católica nos longos anos 1960**

Há uma ideia preconcebida entre algumas pessoas progressistas e de esquerda que a Igreja Católica – por ser uma instituição, muitas vezes ao longo da história, próxima ao poder - é em sua totalidade conservadora. De fato, há e sempre houve grupos na Igreja Católica conservadores e simpáticos às direitas e a movimentos ligados a este espectro político. Mas o inverso também é uma realidade. Durante o período dos longos anos 1960 houve várias organizações progressistas próximas às esquerdas que tiveram origem no seio da Igreja Católica. Os exemplos mais famosos são a Juventude Universitária Católica (JUC) e a Ação Popular (AP) – a última adepta do método de luta armada.

Ao longo dos vários séculos do período moderno a Igreja Católica vinha adotando uma posição conhecida entre alguns autores como “catolicismo intransigente”, que consistia numa crítica negativa à modernidade com aspectos de nostalgia pelo período medieval (POTESTÀ e al. 2013). Os longos anos 1960 ficaram marcados na esfera da Igreja pelo Concílio Vaticano II (1962-1965), que pode ser considerado o maior acontecimento do catolicismo no século XX. Ao convocar este evento, o Papa João XXIII pretendia inserir a Igreja nas discussões do mundo

moderno e realizar um *aggiornamento*<sup>1</sup> na estrutura eclesiástica (DE SOUZA et al. 2018, pp. 23-40) – o que representou uma ruptura com a postura do “catolicismo intransigente” ao levar a igreja a dialogar com as questões da modernidade. A ideia do Papa Roncalli<sup>2</sup> sofreu resistência de alguns setores clericais e de fiéis. Mesmo assim, João XXIII e seu sucessor Paulo VI, prosseguiram firmes no propósito de levar o concílio adiante. Resistência também se deu após o fechamento e a definição dos resultados conciliares.<sup>3</sup> Apesar de tudo isso o concílio se realizou e foi posto em prática em alguns aspectos (BRIGHENTI et al, 2015), e de certa forma fez com que ocorresse evolução com relação à algumas questões (BRIGHENTI, 2015). Essa evolução se deu principalmente com relação ao ecumenismo – pois a partir do concílio a Igreja passou a promover amplamente o diálogo com outras religiões e denominações cristãs – e ao papel do laicato, que passou a ser consideravelmente maior – levando os leigos ao protagonismo em alguns âmbitos eclesiásticos.

Apesar dos avanços realizados, o concílio ocorreu em ambiente bastante eurocêntrico. Os membros do Clero Latino-americano que conheciam a realidade da região sabiam que era necessária uma adaptação das ideias conciliares para o contexto da América Ibérica, principalmente pensando nas classes populares empobrecidas que compunham grande parte da população dos países do subcontinente. Porém, o próprio evento conciliar abriu espaço para “recepções criativas”<sup>4</sup>, que consiste em interpretações e adaptações à cada contexto das conclusões do concílio. A 2º Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano – organizada pelo Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM) e realizada na cidade colombiana de Medellín em 1968 - foi a recepção criativa para a realidade da América Latina do Concílio Vaticano II (DE SOUZA et al, 2018, pp. 110-121).

Impulsionados pelas reflexões e pelo espírito de *Aggiornamento* que tomava a Igreja no período pós-Vaticano II (1962-1965), o episcopado latino-americano organiza a sua segunda conferência. Na verdade, a Conferência de 1968 foi convocada pelo próprio Papa Paulo VI, mas acabou por transpor a ideia de uma simples conferência e constituiu-se um momento paradigmático para a Igreja latino-americana representando um forte momento eclesiológico. (DE SOUZA, N. In: DE SOUZA et al, 2018, pp. 113)

---

<sup>1</sup> Palavra italiana normalmente traduzida como atualização ou reestruturação.

<sup>2</sup> Sobrenome familiar do Papa João XXIII.

<sup>3</sup> Sobre os conflitos em torno do Concílio Vaticano II ver: FAGGIOLI, Massimo. *Vaticano II: A luta pelo sentido*, Paulinas, São Paulo, 2013.

<sup>4</sup> Expressão criada pelo teólogo espanhol-salvadorense Jon Sobrino (1938-), um dos maiores pensadores da Teologia da Libertação.

Vários membros do Clero brasileiro participaram desse “forte momento eclesiológico”<sup>5</sup> - entre eles D. Hélder Câmara – que buscavam adaptar o Concílio Vaticano II à realidade da América Ibérica. Adaptação do Concílio ao contexto não-europeu tentou-se fazer de maneira tímida já em 1965, no evento conhecido como Pacto das Catacumbas – no qual participaram vários bispos latino-americanos – onde se reuniram membros do Clero no intuito de assumir como propósito interpretar as ideias do Vaticano II tendo em mente os pobres.<sup>6</sup> Porém, a recepção criativa latino-americana do último Concílio da Igreja Católica só seria elaborada na Conferência de Medellín, ocorrida alguns anos posteriormente. Em Medellín o episcopado ibero-americano pode meditar e discutir profundamente sobre os problemas sociais da América Latina, pensar a questão da pobreza no subcontinente e refletir sobre as razões que causavam tal cenário. A partir do momento que os bispos elaboraram e publicaram as conclusões da Conferência de Medellín o concílio torna-se preparado para ser posto em prática, estando voltado para a complexa realidade latino-americana da época.

### **A Igreja Católica Brasileira, o anticomunismo<sup>7</sup> e o golpe militar de 1964**

Ao longo dos primeiros anos da década de 1960 – momento de acirramento da Guerra Fria -, setores conservadores da Igreja passaram a demonstrar fortemente um elaborado imaginário anticomunista, sentimento que foi sendo construído desde finais do século XIX e teve seu ápice de propagação no Brasil na década de 1930. Devido ao contexto de Guerra Fria, a ideia que João Goulart podia implantar o comunismo diabólico - que assombrava os pesadelos de alguns católicos – passou a fazer sentido para certas pessoas e levou muitos fiéis da Igreja a se expressarem favoravelmente à uma intervenção militar que livraria o país das garras dos comunistas.<sup>8</sup>

No contexto político logo anterior ao golpe, uma quantidade expressiva de católicos apoiava a ação dos militares. Esses membros da Igreja fizeram sentir sua presença e existência

---

<sup>5</sup> Nesse ponto faço uso da expressão empregada pelo autor citado acima.

<sup>6</sup> Sobre o Pacto das Catacumbas ver: BEOZZO, José Oscar. *Pacto das catacumbas: por uma igreja servidora e pobre*, Paulinas, São Paulo, 2015.

<sup>7</sup> Sobre o anticomunismo no Brasil ver: SÁ MOTTA, Rodrigo Patto. *Em Guarda Contra o Perigo Vermelho: O Anticomunismo no Brasil (1917-1964)*, USP, São Paulo, 2000.

<sup>8</sup> Sobre a Igreja Católica e o golpe de 1964 ver: DA SILVA, Wellington Teodoro. *Catolicismo e o golpe de 1964*. PUC Minas, Belo Horizonte, 2018.

principalmente na histórica “Marcha com Deus pela Família e pela Liberdade”<sup>9</sup> – evento que é considerado pela historiografia um dos maiores acontecimentos em apoio ao golpe militar de 1964<sup>10</sup>. A atitude que culminou na marcha foi fruto do pensamento das forças conservadoras da Igreja, ala eclesiástica que vinha alimentando o sentimento anticomunista durante décadas entre a sociedade brasileira.

Os conservadores da Igreja Católica contribuíram para a construção do pensamento anticomunista manifestado pelo regime ao longo da Ditadura Militar Brasileira. A fobia paranoica do “mal vermelho”<sup>11</sup> demonstrava uma série de elementos da construção eclesiástica que teve.<sup>12</sup> E setores eclesiásticos conservadores mantiveram proximidade com o Regime Militar durante a maior parte, se não a totalidade do período ditatorial.

## **O movimento estudantil no Brasil ao longo dos primeiros anos da Ditadura Militar**

O Brasil, desde o golpe de 1964 – já imposto com a missão de frear o avanço na conquista de direitos sociais - vivia sob o regime da Ditadura Militar. A ditadura vinha adotando uma política autoritária, que atingia mais fortemente alguns grupos sociais que outros nos primeiros anos do Regime Militar. Entre as organizações sindicais a ditadura passou a empregar uma política que visava dismantelar os sindicatos, perseguindo as lideranças sindicais de antes do golpe e limitando enormemente a capacidade de realização de greves<sup>13</sup>.

---

<sup>9</sup> Marcha anticomunista contra o governo de João Goulart. Na época de paranoia da Guerra Fria muitos pensavam que Jango instauraria um regime socialista no Brasil, aliado à União Soviética. Essa marcha foi contra a ideia de implantação de um regime socialista. Sobre a Guerra Fria ver: DOBBS, Michael. *Seis Meses em 1945: Roosevelt, Stálin, Churchill e Truman da Segunda Guerra à Guerra Fria*, tr: Jairo Arco e Flecha, Companhia das Letras. São Paulo, 2012; GADDIS, John Lewis. *História da Guerra Fria*, tr: Glauber Vieira, Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2005; VIZENTINI, Paulo F. “A Guerra Fria”, in: orgs. REIS, Daniel Aarão. FERREIRA, Jorge. ZENHA, Celeste. *O Século XX: O Tempo das Crises*, vol. 2, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2000, pp. 195-225.

<sup>10</sup> Sobre o golpe ver: FERREIRA, Jorge. GOMES, Angela de Castro. *1964: O golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil*, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2014.

<sup>11</sup> Expressão usada para se referir ao comunismo.

<sup>12</sup> Sobre a relação do pensamento anticomunista do Regime Militar e o catolicismo ver: COWAN, Benjamin. *Securing sex: morality and repression in the making of cold war Brazil*, university of North Carolina Press, Chaper Hill, 2016.

<sup>13</sup> Sobre a política trabalhista do início da Ditadura Militar Brasileira ver: NAGASAVA, Heliene Chaves. *“O Sindicato que a Ditadura Queria”: O Ministério do Trabalho no Governo Castelo Branco (1964-1967)*, FGV, Rio de Janeiro, 2015.

Durante os primeiros anos do Regime Militar, o movimento estudantil vivia sob constante vigilância e tentativa de interferência – este era composto praticamente em sua unanimidade por jovens estudantes, majoritariamente universitários. Entre 1964 e 1968 - após o abalo do golpe militar que levou alguns de seus líderes à clandestinidade - o movimento foi se reestruturando e fortalecendo. Ao longo desses anos o movimento estudantil teve como foco de luta principalmente: pautas próprias do dia-a-dia estudantil; e o fim da Ditadura Militar.

No início de 1968 o movimento estudantil, embora fortalecido e organizado, encontra-se polarizado em dois blocos: a Ação Popular e as dissidências do Partido Comunista. [...] As reivindicações estudantis no Rio de Janeiro, nesse início de ano, concentravam-se nas questões dos alunos excedentes do vestibular, do acordo MEC-USAID e dos protestos contra as obras inacabadas do novo restaurante Calabouço [...] (SIQUEIRA, 2011, p. 4)

Em 1968<sup>14</sup> havia duas linhas de pensamento tático predominantes entre o movimento estudantil: uma que acreditava que era necessário pegar em armas para acabar com a ditadura, e outra que pensava ser possível dar fim ao Régime Militar apenas fazendo uso da mobilização de massas que ocupava as ruas naquele ano. Nesse momento uma proporção considerável de simpatizantes e membros da Dissidência Comunista da Guanabara (DI-GB)<sup>15</sup> – dissidência estudantil do Partido Comunista Brasileiro (PCB)<sup>16</sup> no Rio de Janeiro - pensava ser real a possibilidade de derrubar a ditadura através da mobilização de massas. Mas, à medida que 1968 avança, o número de presenças em manifestações de rua vai diminuindo e vai se intensificando a repressão ao movimento estudantil – o que acabou levando ao decreto do Ato Institucional Nº 5 (AI-5) em dezembro do mesmo ano. A partir de então cassou-se todas as garantias constitucionais – deixou-se de ser necessário mandato judicial para as atividades policiais em nome da segurança nacional contra a suposta ameaça comunista -, e se iniciaram os anos mais

---

<sup>14</sup> Sobre algumas das muitas manifestações políticas juvenis pelo mundo no ano de 1968 ver: RIDENTI, Marcelo. “1968: Rebeliões e Utopia”, in: REIS, Daniel Aarão. FERREIRA, Jorge. ZENHA, Celeste. (org.) *O Século XX: O Tempo das dúvidas*, vol. 3, Civilização Brasileira, 2ª edição, Rio de Janeiro, 2002, pp. 135-159.

<sup>15</sup> Sobre a DI-GB – que posteriormente adere à luta armada sob o nome Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8) ver: SILVA, Izabel Priscila Pimentel. *Os Filhos Rebeldes de um Velho Camarada: A dissidência Comunista da Guanabara (1964-1969)*, UFF, Niterói, 2009. Sobre a luta armada contra a ditadura no Brasil e as diversas dissidências estudantis do PCB ver: RIDENTI, Marcelo. *O Fantasma da Revolução Brasileira*, 2ª ed. UNESP, São Paulo, 2005.

<sup>16</sup> Sobre o PCB ver: REIS, Daniel Aarão. RIDENTI, Marcelo. (org.) *História do Marxismo no Brasil: Partidos e organizações dos anos 1920 aos 1960*, vol. 5, UNICAMP, 2007.

violentos e brutais da Ditadura Militar no Brasil; os denominados “Anos de Chumbo” (1968-1974)<sup>17</sup>, os quais viraram símbolo de prisões arbitrárias, repressão e tortura.

Os jovens que foram às ruas nas grandes passeatas de 1968, estavam exercendo seus direitos humanos e lutando pela aplicação destes. Ao instaurar o AI-5, o Estado Brasileiro – sob regime ditatorial militar – ataca abertamente os princípios básicos da Carta Universal dos Direitos Humanos (1948). Em 1968, quando ocorreu a Conferência de Medellín, uma parcela significativa de católicos já se posicionava contra o Regime Militar. Os valores e propostas manifestados nas conclusões da Conferência de Medellín<sup>18</sup> estão em forte oposição às políticas da Ditadura, principalmente após o AI-5.

### **Breve análise dos capítulos sobre Justiça<sup>19</sup>, Paz e Juventude<sup>20</sup> das conclusões da Conferência de Medellín**

O capítulo sobre justiça das conclusões da Conferência de Medellín, já se inicia apresentando discurso sobre as causas da miséria na América Latina que certamente teve eco entre os jovens progressistas católicos brasileiros, que estavam nas ruas reivindicando pautas estudantis e o fim da Ditadura Militar. O trecho transcrito abaixo demonstra solidariedade por parte dos bispos da América Latina a manifestações para a conquista de direitos - realizadas por jovens e outros grupos por todo o subcontinente latino-americano.

Existem muitos estudos sobre a situação do homem latino-americano. Em todos eles se descreve a miséria que marginaliza grandes grupos humanos. Essa miséria, como fato coletivo, é qualificada de injustiça que clama aos céus. [...] Entretanto, o que talvez não se esclareceu suficientemente é que os esforços que foram feitos, em geral, não foram capazes de assegurar que a justiça seja respeitada e realizada em todos os setores das respectivas comunidades nacionais. As famílias, muitas vezes, não encontram possibilidades concretas de educação para seus filhos; a juventude reclama seu

<sup>17</sup> Nesse período houve exílios, prisões arbitrárias e tortura como política ampla de Estado no país.

<sup>18</sup> Nome formal do Documento de Medellín.

<sup>19</sup> Sobre este capítulo especificamente ver: BRIGHENTI, Agenor. “A justiça em Medellín e as categorias da tradição eclesial libertadora”, in: DE SOUZA, Ney. SBARDELOTTI, Emerson. (org.) *Medellín: Memória, profetismo e esperança na América Latina*, Vozes, Petrópolis, 2018, pp. 151-166.

<sup>20</sup> Sobre a juventude em Medellín ver: DA COSTA, Rosemary Fernandes. “A opção pelos jovens e o caminho das juventudes no século XXI”, in: DE SOUZA, Ney. SBARDELOTTI, Emerson. (org.). *Medellín: Memória, profetismo e esperança na América Latina*, Vozes, Petrópolis, 2018, pp. 197-210; e SBARDELOTTI, Emerson. “A juventude em Medellín – Memória, desafios e perspectivas, 50 anos depois”, in: DE SOUZA, Ney. SBARDELOTTI, Emerson. (org.). *Medellín: Memória, profetismo e esperança na América Latina*, Vozes, Petrópolis, 2018, pp. 211-226.



direito de entrar nas universidades ou em centros superiores de aperfeiçoamento intelectual ou técnico-profissional; a mulher reivindica sua igualdade, de direito e de fato, com o homem; os camponeses pedem melhores condições de vida; [...] a crescente classe média sente-se atingida pela falta de perspectivas. [...] Não podemos ignorar o fenômeno desta quase frustração universal de legítimas aspirações [...] A falta de integração sociocultural, na maioria de nossos países, deu origem à superposição de culturas. No campo econômico implantaram-se sistemas que encaram só as possibilidades dos setores com alto poder aquisitivo. [...] Esta falta de adaptação ao que é próprio e às possibilidades de nossa população origina, por sua vez, uma frequente instabilidade política e a consolidação de instituições puramente formais. A tudo isso deve-se acrescentar a falta de solidariedade, que provoca, no campo individual e social, a cometer verdadeiros pecados, cuja cristalização aparece evidentemente nas estruturas injustas que caracterizam a situação da América Latina. (Conclusões da Conferência de Medellín, 1968, pp. 45-46)

Nele também o episcopado se solidarizava com a falta de perspectivas que estaria presente entre a classe média ibero-americana – classe da qual fazia parte a maioria dos jovens estudantes que ocupavam as ruas brasileiras em protesto durante o ano de 1968. Os bispos apresentam como causa dos problemas que assolavam a região, motivos sobre os quais praticamente todos os jovens que estavam lutando por ampliação e cumprimento de direitos concordariam que eram razões efetivas. Como por exemplo: falta de integração sociocultural; falta de solidariedade; e, principalmente, o vigor de um sistema econômico que tende a ver apenas os que tem maior poder aquisitivo. Ao se solidarizarem com demandas dos jovens dos longos anos 1960 da América Ibérica os bispos latino-americanos conferiram legitimidade às suas reivindicações. Atitude portadora de considerável peso político-social devido à importância institucional da Igreja Católica, principalmente na América Latina – região onde esta instituição possui poder simbólico desde os tempos da conquista europeia.

Além de se solidarizarem com todas essas demandas por direitos, o episcopado foi mais longe. Argumentou que a paz social – tão perseguida pelas sociedades da América Ibérica – só seria alcançada através da justiça e da dignidade. Ao fazerem isso os bispos latino-americanos reconheceram também o caráter estrutural dos problemas sociais da região e dissertaram que essas questões seriam resolvidas apenas através de mudanças nas estruturas dessas sociedades. O mesmo era defendido pela maior parte dos jovens progressistas da geração dos longos anos 1960 que se manifestavam politicamente. Ao mesmo tempo os bispos de certa forma denunciaram o discurso usado por alguns setores que ocupavam o poder no subcontinente durante o período. Esses setores sociais muitas vezes tentavam dissociar os problemas regionais de questões estruturais.

A paz é, antes de mais nada, obra da justiça. Ela supõe e exige a instauração de uma ordem justa na qual todos os homens, onde a dignidade seja respeitada, suas legítimas aspirações de pessoal garantida. [...] onde existem injustiça, desigualdade entre os homens e as nações, atenta-se contra a paz. (Conclusões da Conferência de Medellín, 1968, p. 65)

Os bispos instaram também que o clero promovesse de toda forma possível a justiça social, e convocou os católicos em geral a construírem a paz através da luta por justiça de direitos. Um passo de extrema importância, vindo de uma instituição com força, tradição e poder de influência como a Igreja Católica.

[...] o Episcopado latino-americano não pode deixar de assumir responsabilidades bem concretas. Criar uma ordem social justa, sem a qual a paz é ilusória, é uma tarefa eminentemente cristã. [...] A nós, pastores da Igreja, cumpre educar as consciências, inspirar, estimular e ajudar a orientar todas as iniciativas que contribuam para a formação do homem. Cumpre-nos também denunciar todos aqueles que, ao irem contra a justiça, destroem a paz. (Conclusões da Conferência de Medellín, 1968, p. 71)

Sobre a juventude exatamente, os bispos ibero-americanos se manifestaram positivamente ao ímpeto dos jovens de quererem transformar a sociedade que viviam em uma mais justa e humana. Foi proposto então que o clero tentasse orientar esses jovens, através de atividades pastorais, e que fosse dado papéis de destaque e liderança à juventude – o que mostra como, pelo menos uma parte da hierarquia mais alta da Igreja Católica, estava ciente do anseio por parte dos jovens de participar de espaços de influência e decisões na esfera político-social.

[...] diante das culturas que mostram sinais de velhice e caducidade, a juventude está sendo chamada a trazer uma revitalização [...] Na juventude assim entendida, a Igreja descobre também um sinal de si mesma. Um sinal de sua fé [...] (Conclusões da Conferência de Medellín, 1968, p. 102)

Ao posicionar-se favorável aos motivos e causas de muitas manifestações juvenis dos longos anos 1960, e instaurar seus membros a fazer parte da mesma luta, uma parte da alta hierarquia da Igreja Católica se põe ao lado dos jovens progressistas latino-americanos – inclusive brasileiros -, em suas demandas pela ampliação e aplicação de direitos. Muitas vezes direitos humanos básicos, como por exemplo acesso à educação e liberdade de expressão e de participação política. Partindo da ideia dos longos anos 1960 como período de dissenso, voltado

para os direitos das minorias e para o protagonismo da juventude, pode-se concluir que a Igreja Católica Latino-Americana, por mais heterogenia que fosse, estava inserida no contexto de rebeldia e contestação da época. Uma parcela considerável dela tendo abraçado de forma ampla o etos dos longos anos 1960. Os pontos defendidos nas conclusões da Conferência de Medellín demonstram que a hierarquia católica latino-americana estava consciente das questões da época que estava inserida.

## Conclusão

Partindo da ideia de longos anos 1960 – segundo a qual este foi mais um período voltado para a contestação e para a rebeldia do que uma delimitação muito específica de tempo – pode-se considerar que foi um fenômeno que influenciou a Igreja, principalmente na América Latina. Pois os bispos, ao se reunirem na cidade colombiana onde ocorreria a conferência, demonstram um conhecimento profundo sobre o momento e a realidade social do contexto temporal e regional em que viviam, e isso influenciou tremendamente na elaboração das discussões realizadas. O que revela que conheciam e compreendiam os sentimentos “rebeldes” da geração jovem dos longos 1960 e buscavam dialogar com os anseios desta por um mundo mais justo e democrático.

As conclusões da Conferência de Medellín, ao interpretarem o Concílio Vaticano II segundo a realidade latino-americana, revelam também a profunda noção que os bispos tinham do clima temporal da época que viviam e como esta energia da época se aplicava ao subcontinente. Ao se darem conta desse novo etos temporal e social, os membros da alta hierarquia do Clero Latino-Americano se propõem a dialogar com os naturais do novo contexto planetário que surgia – no caso os jovens do período. E fazem isso no texto das conclusões da Conferência de Medellín, ao apresentarem as causas dos males sociais; incentivarem a solução destes através do engajamento em prol da justiça social; e procurarem dar papel de destaque aos novos grupos que ascendiam ao protagonismo político-social da época – os jovens entre estes.

Ao tomar essa atitude, o episcopado da “América Católica”<sup>21</sup> lança seu papel de influência sobre a imensa porcentagem de católicos ibero-americanos que existia na época,

---

<sup>21</sup> Expressão usada por Caetano Veloso na canção “Podres Poderes” para se referir a América Latina, então países de maioria esmagadora da população adepta ao catolicismo.

convocando-os a se somarem à luta por justiça social. Dessa forma apoiam e somam força ao que os jovens manifestantes do movimento estudantil vinham tentando realizar: organizar ao máximo as massas em prol de uma atitude político-social que levasse à justiça de direitos, à cidadania e à dignidade humana. Imaginando a quantidade de jovens latino-americanos católicos praticantes no período - que frequentavam universidades ou escolas católicas, eram simpatizantes de ideias progressistas, ou faziam parte de grupos paroquiais juvenis – pode-se ter noção do potencial impactante que as conclusões da Conferência Episcopal de Medellín tiveram na época. Por fim, ao manifestarem o pensamento político-social demonstrado nesse documento, os bispos dialogam com os jovens “rebeldes” latino-americanos – inclusive os brasileiros que protestavam em 1968 –, famintos e sedentos de justiça, demonstrando que entendiam e compartilhavam de seus sentimentos ao quererem uma sociedade mais justa e democrática.

## Referências Bibliográficas

BEOZZO, José Oscar. *Pacto das catacumbas: por uma igreja servidora e pobre*, Paulinas, São Paulo, 2015.

BRADBURY, Malcolm. TEMPERLEY, Howard. *Introdução aos Estudos Americanos*. Rio de Janeiro, Editora Forense Universitária, 1981.

BRIGHENTI, Agenor. *Em que o Vaticano II mudou a igreja*, Paulinas, São Paulo, 2015.

BRIGHENTI, Agenor. MERLOS ARROYO, Francisco. *O Concílio Vaticano II: batalha perdida ou esperança renovada?* Paulinas, São Paulo, 2015.

CELAM. *Conclusões da Conferência de Medellín – 1968*, Paulinas, 3ª edição, São Paulo, 2010.

COWAN, Benjamin. *Securing sex: morality and repression in the making of cold war Brazil*, university of North Carolina Press, Chaper Hill, 2016.

DA SILVA, Wellington Teodoro. *Catolicismo e o golpe de 1964*. PUC Minas, Belo Horizonte, 2018.

Declaração Universal dos Direitos Humanos, 1948.

DE SOUZA, Ney. SBARDELOTTI, Emerson. (org.). *Medellín: Memória, profetismo e esperança na América Latina*, Vozes, Petrópolis, 2018.

FAGGIOLI, Massimo. *Vaticano II: A luta pelo sentido*, Paulinas, São Paulo, 2013.

FERREIRA, Jorge. GOMES, Angela de Castro. *1964: O golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil*, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2014.

HOBBSAWM, Eric. *The Age of Extremes: A History of the World (1914-1991)*, Vintage Books, Nova Iorque, cap. 10-11, pp. 287-343, 1996.

NAGASAVA, Heliene Chaves. *“O Sindicato que a Ditadura Quería”*: O Ministério do Trabalho no Governo Castelo Branco (1964-1967), FGV, Rio de Janeiro, 2015.

POTESTÀ, Gian Luca. VIAN, Giovanni. *História do Cristianismo*, Edições Loyola, São Paulo, 2013.

REIS, Daniel Aarão. RIDENTI, Marcelo. (org.). *História do Marxismo no Brasil: Partidos e organizações dos anos 1920 aos 1960*, vol. 5, UNICAMP, 2007.

RIDENTI, Marcelo. *O Fantasma da Revolução Brasileira*, 2ª ed. UNESP, São Paulo, 2005.

RIDENTI, Marcelo. 1968: Rebeliões e Utopia. In: REIS, Daniel Aarão. FERREIRA, Jorge.

FARIAS, Raphael Barreiros de. A 2ª Conferência do Episcopado Católico Latino-Americano e a rebeldia jovem por direitos nos longos anos 1960. **Dignidade Re-Vista**, v. 3, n. 6, dezembro 2018

ZENHA, Celeste. (org.). *O Século XX: O Tempo das dúvidas*, vol. 3, Civilização Brasileira, 2ª edição, Rio de Janeiro, 2002.

SÁ MOTTA, Rodrigo Patto. *Em Guarda Contra o Perigo Vermelho: O Anticomunismo no Brasil (1917-1964)*, USP, São Paulo, 2000.

SILVA, Izabel Priscila Pimentel. *Os Filhos Rebeldes de um Velho Camarada: A dissidência Comunista da Guanabara (1964-1969)*, UFF, Niterói, 2009.

SIQUEIRA, Marcelo Nogueira. Resistências e Enfrentamentos: o movimento estudantil na Guanabara de 1964 a 1968. In: *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*, ANPUH, São Paulo, 2011.